

COMBATE À “DOCTRINAÇÃO IDEOLÓGICA” E À “IDEOLOGIA DE GÊNERO”: AS CONTRADIÇÕES DO VOCABULÁRIO CONSERVADOR NA EDUCAÇÃO

Bruna Dalmaso-Junqueira

Universidade do Estado de Santa Catarina / Universidade Federal de Minas Gerais

bdjunqueira@gmail.com

Jaqueline Garske Ferreira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

jaque122@gmail.com

Introdução

Vive-se hoje um avanço conservador na sociedade brasileira, notadamente no campo educativo (Lacerda, 2019; Lima; Hypolito, 2019). A partir do conceito de aliança conservadora (Apple, 2003), temos investigado pautas e discursos utilizados por diversos grupos, dentre eles neoliberais e conservadores, para promover pautas na educação de modo a preservar e avançar seus projetos societários. Na investigação “A Aliança Conservadora, o Estado e as Políticas Educacionais no Brasil: um mapeamento de atores e ações conservadores”¹, desenvolvemos um glossário com os termos mais frequentemente usados por esses agentes, visando compreender suas estratégias e propósitos. Neste trabalho, apresentaremos dois desses verbetes: “Doutrinação Ideológica” e “Ideologia de Gênero”.

Para a construção do referido glossário, nosso trabalho envolveu etapas prévias. Inicialmente, identificamos atores de relevância nacional que defendem a educação domiciliar, o Escola sem Partido (EsP) e a militarização escolar, analisando falas entre janeiro de 2018 e maio de 2020. Coletamos dados em redes sociais, sites governamentais, entrevistas e documentos, totalizando 231 excertos de falas de 141 atores: 91 sobre educação domiciliar, 69 sobre o EsP e 71 sobre militarização escolar.

Os argumentos foram estudados a partir da Análise Relacional (Apple, 1999) e Temática (Braun; Clarke, 2006). Na análise relacional, investigamos conexões entre o objeto de estudo, a sociedade e seus diversos agentes, considerando intersecções entre as experiências dos sujeitos, suas inserções em diferentes grupos sociais e culturais, e como elas respondem e dão forma a suas crenças, medos e desejos. Assim, investigar como argumentos conservadores tornam-se populares entre distintos grupos sociais passa a ser uma tarefa realizada através das

¹ Pesquisa financiada pelo CNPq e pela Fapergs.

lentes do convencimento (Gramsci, 1999) ao invés daquelas da alienação (Hall, 2003). Com a análise temática, foi possível sistematizar nossos achados de modo a criar os temas elencados a partir dos dados da pesquisa, possibilitando a construção do glossário.

Os Verbetes: “Doutrinação Ideológica” e à “Ideologia de Gênero”

A suposta “doutrinação ideológica” nas escolas é um dos principais argumentos dos agentes pesquisados, aparecendo em 67 dos 231 excertos analisados. O EsP, criado em 2004 por Miguel Nagib, buscava “denunciar a instrumentalização do ensino para fins ideológicos” (Escola..., 2019), incentivando denúncias contra docentes acusados de “doutrinar” alunos. Embora a educação crítica historicamente tenha fortalecido a escola como espaço de socialização, nas últimas décadas cresceu um discurso que hierarquiza saberes escolares e familiares, expresso em slogans como “a escola ensina e a família educa”. Contra a suposta doutrinação, a escola deve se limitar a saberes canônicos, neutros, sem aprofundar temas sociais, econômicos ou culturais. Nas palavras de Jair Bolsonaro, a escola deveria ser “Lugar de se aprender física, matemática, química, fazer que no futuro tenhamos um bom empregado” (Amorim, 2018).

Embora afirmem defender uma escola neutra, agentes conservadores ignoram “doutrinações” sob viés de direita. Seus ataques miram exclusivamente a esquerda. Para Bia Kicis, “95% da doutrinação vem da esquerda” (Machado, 2019); para Rodrigo Constantino, a doutrinação marxista “não é achismo, é fato” (Constantino, 2018). Diogo Salles (2019) aponta que o EsP e demais agentes conservadores simplificam o espaço social e político por meio de antagonismos. A fala de Bia Kicis ilustra essas contradições inerentes a esse discurso e, ao mesmo tempo, a capacidade argumentativa mobilizada por esses grupos. Segundo ela:

A doutrinação é quando o professor, ao invés de dar o conteúdo da matéria abordando diversos aspectos, sonega ao aluno boa parte da informação e permite chegar ao aluno somente aquilo que ele quer que chegue, principalmente quanto ao viés político e ideológico. [...] quando se trata do capitalismo, ele aborda apenas aquilo que entende que é ruim, demoniza o capitalismo, não dá ao aluno o conhecimento dos aspectos positivos [do sistema], que fazem com que a sociedade se desenvolva. (Machado, 2019, online).

Ao criticar a “doutrinação”, Kicis reivindica que se ensinem os “aspectos positivos” do capitalismo e mobiliza um histórico imaginário anticomunista, revelando um viés neoliberal disfarçado de neutralidade. Assim, a retórica combina conservadorismo e defesa do capitalismo, demonstrando como essas alianças negociam e articulam suas pautas visando ampliar sua base de apoio.

O combate à “doutrinação ideológica” se fortalece ao apresentar uma ameaça aos valores tradicionais, especialmente entre conservadores e cristãos. Estudos críticos de currículo (Apple, 1999) apontam que a defesa da “neutralidade” mantém o *status quo*, impedindo que a escola seja espaço de diversidade e pluralidade. A denúncia, quando analisada criticamente, reflete a resistência à entrada de saberes distintos dos considerados “normais” – androcêntricos, eurocêntricos, capitalistas, brancos e cristãos. Diante da ameaça a esses valores, escolas e docentes viram alvos de vigilância e perseguição.

Nosso estudo também identificou o combate à “ideologia de gênero” como um dos principais argumentos conservadores na educação. Nomeando conquistas de movimentos sociais e estudos feministas/de gênero como ameaças, conservadores difundiram a ideia de que existiria uma conspiração para manipular estudantes. A “ideologia de gênero” seria antifamília (Penna, 2017), e docentes estariam “erotizando” crianças ao ensiná-las sobre diversidade. Esse discurso aciona o pânico moral, caracterizado por preocupações desproporcionais que geram reações exageradas (Miskolci, 2007), nesse caso a uma suposta exposição precoce a formas de existência que desafiam a norma cis-heteronormativa.

Observamos também a flexibilidade ideológica da aliança conservadora: embora baseada em valores cristãos e patriarcais, também adota a lógica neoliberal ao tratar diversidade como tema secundário na formação escolar e profissional, como na fala de Bolsonaro anteriormente citada. Assim, a rejeição à diversidade não apenas atende a pautas morais conservadoras, mas também dialoga com setores que priorizam a educação voltada ao mercado.

Essa lógica ainda sustenta a defesa do *homeschooling*, supostamente protegendo crianças de conteúdos inadequados. Ignora, entretanto, a realidade de abusos que ocorrem majoritariamente no ambiente familiar e são muitas vezes denunciados na escola (Oliveira, Silva & Maio, 2020). Além disso, associam a diversidade à pedofilia, como fez Bia Kicis (2019) ao dizer que certos docentes “merecem mais o título de molestadores de crianças”. Com isso, criam um clima de medo que deslegitima a escola como espaço seguro e priva crianças de um ambiente onde possam se expressar livremente e compreender a diversidade.

Considerações finais

A partir do glossário construído, verifica-se o discurso conservador explorando inseguranças sociais para justificar políticas excludentes, que realizam a manutenção do *status quo*, como a militarização escolar e o *homeschooling*. A partir da sistematização desse vocabulário, é possível facilitar a identificação desses discursos e a criação de estratégias para refutá-los. Como construção coletiva ainda em aberto, e desvelando as contradições inerentes a esses fenômenos, o glossário convida à resistência.

Referências

AMORIM, Felipe. Após polêmica, Bolsonaro diz que procurador a favor de Escola sem Partido é cotado para Educação. UOL Notícias, Brasília, 22 nov. 2018.

APPLE, M. W. Educando à Direita: mercados, padrões, Deus e desigualdade. Tradução de Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Cortez, 2003.

APPLE, Michael W. Ideologia e Currículo. Porto: Porto Editora, 1999.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. Qualitative research in psychology, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

CONSTANTINO, Rodrigo. Doutrinação dos radicais nas universidades: são quase todos de esquerda! Gazeta do Povo, Curitiba. 13 nov. 2018.

ESCOLA SEM PARTIDO. Quem Somos. São Paulo, 2019.

<http://www.escolasempartido.org/quem-somos/>

GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

HALL, Stuart. Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

KICIS, Bia. Discurso do(a) Deputado(a) em 07/02/2019. Câmara dos Deputados, Distrito Federal. 07 fev. 2019.

LACERDA, M. B. O novo conservadorismo brasileiro: de Reagan a Bolsonaro. Porto Alegre: Zouk, 2019.

LIMA, Iana Gomes de; HYPOLITO, Álvaro Moreira. A expansão do neoconservadorismo na educação brasileira. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 45, 2019.

MACHADO, Katia. Doutrinação: ‘Não precisa de evidência científica, os fatos são as maiores provas’: entrevista com Bia Kicis. Fiocruz, Rio de Janeiro, 21 fev. 2019.

MISKOLCI, Richard. Pânicos morais e controle social – reflexões sobre o casamento gay. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 28, jan-jun 2007. p. 101-128.

OLIVEIRA, Marcio de; SILVA, Fernando da; MAIO, Eliane. Violência sexual contra crianças e adolescentes: a escola como canal de proteção e denúncia. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 38, n. 4, p. 1-23, 2020.

PENNA, Fernando. O Escola sem Partido como chave de leitura do fenômeno educacional. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.) *Escola “sem” partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira*. Rio de Janeiro : UERJ, LPP, 2017. p. 35-48.

SALLES, Diogo. C. Criando a Doença para Vender a Cura: o discurso da "doutrinação ideológica" do Movimento Escola Sem Partido. 2019. 143p. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Formação de Professores – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2019.